



UM ESTUDO SOBRE A CULTURA SURDA POR MEIO DAS EXPERIÊNCIAS

Silvana Tobias OLIVEIRA (UEMS - Dourados) ¹

RESUMO: Este relato de experiência tem o objetivo de apresentar momentos de vivências e aprendizagem com a comunidade Surda, buscando entender a complexidade do ser Surdo, além de refletir sobre alguns conceitos, tais como cultura Surda, ser Surdo, bem como as legislações vigentes na educação de Surdos, por exemplo, a lei nº 10.436/02 que reconhece a Libras como língua oficial dos Surdos brasileiros e o decreto nº 5.626/05 que regulamenta esta lei. Estas experiências tiveram início antes do ingresso à universidade, ou seja, na educação básica, mas que se tornou um corpus de pesquisa na graduação e prática no PIBID e Estágio Supervisionado e teve a prática do olhar etnográfico aludido por Sousa (2000). O aprendizado e os conflitos vivenciados com os Surdos possibilitou refletir sobre algumas inquietações presentes na comunidade Surda a partir desses questionamentos associados à formação de professores, como por exemplo, a necessidade de comunicação na língua brasileira de sinais e/ou planejamentos de aulas adaptadas que contemplasse as especificidades destes sujeitos, como por exemplo, materiais que mais visuais. Inicialmente as experiências aconteceram de uma maneira natural dentro da escola, no trabalho e em outros espaços sociais, mas que contribuiu para a nossa formação humana e a possibilidade de se colocar no lugar do outra- alteridade e não só permitiu rever as práticas cotidianas, mas ter uma vivência dialógica por meio da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Surda. Relato de Experiências. Aprendizagem. Formação.

¹¹ Graduada em Letras- habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – Unidade de Dourados). Email: Sil_oliveira94@hotmail.com

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de compartilhar experiências que tivemos com a comunidade Surda e a partir deste lócus de enunciação, refletirmos sobre algumas inquietações, conceitos e práticas que fazem parte da comunidade Surda. A partir do primeiro contato na Educação básica, com uma colega Surda, buscamos outros caminhos de aprofundamento que sentimos a necessidade de buscar como forma de entender nossos próprios conflitos, como a prática em sala de aula pelo Pibid e Estágio Supervisionado e, além disso, a descoberta da deficiência auditiva que impactou significativamente nosso cotidiano em diversos espaços (escola, universidade e em casa), além de resignificar nossas práticas enquanto acadêmica.

A trajetória com os Surdos teve dois momentos. O primeiro momento foi enquanto aluna da Educação básica que demonstrou interesse em manter contato com a colega de sala e aprender Libras. O segundo momento foi enquanto acadêmica do curso de Letras, retomando o contato com a comunidade surda² por meio de participações em eventos, projetos que vezessem a discussão sobre educação de Surdos.

Além da busca pelo conhecimento teórico, realizamos algumas práticas no Projeto de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) que teve grande contribuição no pensar a formação de professores, pois percebemos em nossas participações no programa a fragilidade de conhecimento e formação que o professor regente apresenta no que diz respeito à educação inclusiva e o quanto a prática se distancia da teoria. Com isso, buscamos refletir sobre o que é ser Surdo, o que é cultura surda e como trabalhar em sala de aula com esses sujeitos que lutam por visibilidade em diversos espaços sociais, mas por falta de conhecimento do professor que esta em sala, este direito é cerceada.

Este trabalho tem como foco demonstrar que a Educação de Surdos não é pautada apenas pelas Políticas de Educação inclusiva, com a proposta de uma inclusão que visem a permanência do aluno na sala de aula e professor adaptar suas aulas e materiais a necessidades desses sujeitos, mas mostrar que o fator cultural é pertinente quando se fala de inclusão na escola, ou seja a necessidade e se levar em consideração que existe a cultura surda, no qual os Surdos estão inseridos e que muitas das vezes é desconhecidos não só pelo professor, mas pela escola.

Outro fator importante de se considerar é que quando se fala sobre cultura surda, a surdez não é vista como um fator patológico, mas como uma marca de identidade do ser Surdo. Nesta perspectiva, o Surdo se vê enquanto diferente, pois a sua forma de comunicação é diferenciada, ou seja, a Libras é a língua natural e como meio de expressão e comunicação dos Surdos aprovada por meio da Lei nº 10.436/02 e o decreto 5.626/05 que regulamenta essa lei e ainda institui a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores (licenciaturas) e cursos de fonoaudiologia.

A partir desses relatos e discussões, nosso trabalho irá repensar sobre a importância em se conhecer e colocar se no lugar do outro como uma forma de entender os conflitos e dificuldades existentes dentro da escola e também na formação de professores.

2. Vivências com a comunidade Surda

² Conceituaremos cultura surda mais adiante.

O contato e o interesse sobre a temática sobre os Surdos existem desde a nossa infância, pois já tínhamos na família um caso de surdez. Uma curiosidade é que a maioria dos Surdos dos quais tivemos contato eram de famílias ouvintes. Conforme Sacks (1998), os casos de Surdos com pais ouvintes totalizam 95% dos casos. Concomitantemente, os Surdos são unicamente expostos à modalidade oralista³ desde pequenos pela família.

A Língua brasileira de sinais ainda era desconhecida por nós, pois o único mecanismo de comunicação utilizado era/é a língua portuguesa. Contudo, em 2007, conhecemos uma colega Surda que viria a estudar conosco no ensino fundamental. Neste ano, nosso campo de visão se abriu pela primeira vez quando víamos a intérprete conversando com ela por meio das mãos.

Essa era primeira vez que víamos algo diferente e que diga se de passagem foi preponderante para o nosso interesse de aproximação, pois havíamos ficado encantados com possibilidade de existir outra forma de comunicação. Por iniciativa própria, nos aproximamos da interprete e perguntamos sobre a forma a qual ela se comunicava e foi por meio da mediação da intérprete que iniciamos nosso aprendizado de Libras.

Com o primeiro contato com a colega Surda, tivemos a possibilidade de todos os dias na hora do intervalo aprender os sinais com a colega. E com o contato cotidiano com a libras, nasceu a força de uma grande amizade que ultrapassou os portões da escola. Começamos a fazer muitos trabalhos escolares juntas, como experimentos de ciências, cálculos matemáticos e geografia na língua dela. Posteriormente descobrimos que esta amiga morava próxima a nós e o contato que tínhamos já era imenso, ficou cada vez mais intensa com os nossos encontros de estudos na casa dela.

O mais interessante dessa imersão era que apesar das dificuldades, buscamos mecanismos para tentar manter o diálogo e com o tempo percebemos que a diferenças e dificuldades não era uma barreira, mas eram nessas dificuldades e diferenças que nos igualávamos. Na educação básica, enquanto alunas, já

³ Segundo Strobel e Perlin (2008, p. 12) “A modalidade oralista baseia-se na crença de que é a única forma desejável de comunicação para o sujeito surdo, e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização”.

exercitávamos a importância da alteridade e de pensar práticas e metodologias que fosse acessíveis a nós duas.

Em diversos momentos realizamos práticas de formação docente mesmo ainda estando na educação básica, como por exemplo, ensinar línguas, já que essa colega tinha dificuldade com o estudo de línguas, já que a Libras é de modalidade visual-espacial enquanto que a língua portuguesa e língua inglesa são orais-auditiva.

Estudar essas línguas não faziam sentido a ela, pois não conseguia compreender as construções gramaticais dessas línguas orais. Tivemos oportunidade interpretar pela primeira vez na sala de aula sobre os tempos verbais da língua portuguesa e noutras vezes estudávamos na língua inglesa. Nos momentos de avaliação dessas disciplinas, a prova não era adaptada para ela e ela sempre deixava em branco as questões que exigiam a tradução de língua inglesa para a língua portuguesa.

Outra observação que nos chamava atenção era que a forma de escrita dela em língua portuguesa era diferente, sem artigos, sem conjugações verbais, ou até inversão da construção sintática, como por exemplo, “Minha casa ir amiga” ou vice e versa.

Muitos dos nossos questionamentos não foram sanados naquele momento, mas com o ingresso e a volta na imersão na comunidade de Surda e perceber que a escrita da língua portuguesa tinha interferência da gramática em libras⁴, e, além disso, que o ser Surdo era muito mais do que apenas um fator de saber a língua, mas de saber que esses sujeitos percebem e constroem relações de sentidos de uma forma diferente, pois perpassa pela discussão muito mais ampla que não sabíamos anteriormente como, por exemplo, as legislações, educação bilíngue que institui que a Libras deva ser a língua de instrução do Surdo e que a língua oral⁵ deva ser ensinada apenas na sua modalidade de leitura e escrita, conforme ditado no decreto 5.626/05 que traz essa especificidade além da obrigatoriedade da Libras nos cursos de formação.

Discutir essas questões se mostra necessário quando ainda percebemos que há a insistência de marcação de alguns estereótipos como Surdo-mudo ou mudo⁶ e na verdade não se tem relação o fato da perda auditiva com a fala, pois mesmo sem ouvir os Surdos são capazes de produzir sons.

⁴ Quadros e Karnop (2004).

⁵ Brasil (2002)

⁶ Apesar de esse termo ainda ser reproduzido na sociedade, este não é o mais correto. O certo é usar a denominação “surda (o)” para referir-se a uma pessoa que utiliza a Libras como meio de comunicação e expressão.

Então, o contato com essa amiga permitiu conhecer outros Surdos e partilhar muitas experiências, inclusive no mercado de trabalho, no qual nos vimos interpretando o pedido de demissão de um Surdo por insatisfação com o local de trabalho, mas com o passar do tempo perdemos contato com essa colega, pois ela se mudou de bairro e a nosso contato com os Surdos foram enfraquecendo.

Contudo, esses relatos nos mostram que mesmo com nossa inexperiência na área, éramos desafiados a fazer interpretação, mesmo não tendo a dimensão se nossas práticas eram corretas ou não, mas serviram como suporte para fazer fluir muitos questionamentos e dúvidas que ainda tínhamos quanto aos Surdos.

3. Reflexão sobre Cultura surda vesus pratica escolar

Como dito anteriormente, muitos questionamentos ficaram sem respostas, mas em 2014 com o ingresso no curso de Letras-inglês, vimos a possibilidade de buscar respostas para nossos questionamentos. A partir das aulas de políticas públicas e didática, conversamos com a professora sobre nosso interesse pela temática e esta aconselhou-nos a montar um grupo de estudos que contemplassem essas discussões, mas vimos o projeto fracassar, pois muitos não tinham interesse e a disciplina de Libras ainda não fazia parte do projeto político pedagógico da universidade.

Então, por iniciativa própria, participamos de muitos eventos sobre educação de Surdos, e aprendemos sobre as faculdades e certificações que habilitavam tanto para a interpretação e tradução educacional quanto para outras instituições públicas e privadas. Aprendemos também um pouco sobre o histórico da educação de Surdos e suas metodologias, além das leis que regem a comunidade Surda (Lei nº 10.436/02 e Decreto 5.626/05).

Esses eventos nos mostraram a importância da cultura Surda no processo de ensino, pois percebemos que o Surdo constrói sentido por meio da modalidade visual e esta descoberta resignificou nosso olhar enquanto acadêmicos. Então em março de 2014 fomos contemplados com o Programa de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e garantiu nosso primeiro contato com a escola, não mais como aluno do ensino fundamental e médio, mas enquanto acadêmicos em formação.

O programa também nos possibilitou a retomar o contato com os Surdos e participar mais ativamente do cotidiano escolar. As experiências em sala de aula possibilitou-nos repensar sobre o verdadeiro sentido da inclusão, pois tudo o que

tínhamos lidos ou ouvido a respeito de inclusão era perfeito no documento, mas na prática acontecia o inverso. As inquietações e contradições nos fizeram a ter mais vontade de saber sobre a cultura surda, pois em novembro de 2014 também nos vimos com a mesma dificuldade de inclusão, já que recentemente havíamos descoberto ter problemas de audição.

Nas aulas da universidade enfrentamos muitas dificuldades e conflitos e das nossas dificuldades surgiu a oportunidade de resignificar sobre o nosso aluno Surdo na escola e possibilitou pensar algumas práticas que desse esse protagonismo ao Surdo e mostrar a sua marca identitária. Como exemplo, damos uma aula sobre realismo e como atividade, pedimos aos alunos que pesquisassem os tópicos que sortíamos anteriormente e que eles trouxessem um trabalho escrito sobre o tópico, mas quanto a aluna Surda pedimos o mesmo trabalho, mas pedimos que ela apresentasse o trabalho na Libras e registramos a sua apresentação em forma de vídeo.

Iniciativas como essa, fazem toda a diferença no desenvolvimento do aluno Surdo, e na formação do professor, pois este necessita de além de buscar recursos visuais, como imagens, vídeos de preferência na língua brasileira de sinais e adaptar suas avaliações, como nós fizemos na avaliação de gramática em inglês, no qual colocamos imagens que associassem sobre a questão pedida e entre outras propostas que se mostrou desafiador e gratificante ao mesmo tempo, pois recebemos relatos de positividade desses alunos Surdos, pois eles se viam representados nas propostas apresentadas.

A implementação da disciplina de Libras foi muito importante para a nossas reflexões, pois nos aprofundamos em teorias que antes tínhamos desconhecimento, como legislações (Lei nº10.436, Lei nº 12.319/10, Decreto 5.626/05, entre outros), trajetória histórica da educação de Surdos, políticas linguísticas, metodologias, tradução e interpretação. Saber que a Libras não é universal e nem icônica e que os Surdos não são mentais e que não são silenciosos é o primeiro passo para a quebra de preconceito e estereótipos que os impedem de avançar socialmente⁷.

Saber essas e outras temáticas que envolvam os Surdos influencia na prática do professor, pois diminui a negligência de uma prática homogênea por falta de formação e essa falta de conhecimento sobre esses conceitos é que tornam a prática

⁷ Saber mais em Gesser (2009)

do professor mais excludente do que includente. Com isso, percebemos que conhecer sobre a cultura surda contribui para a formação de professores e que mesmo com muitas lutas conquistados pelos Surdos, percebemos que essas discussões não estão presentes no âmbito escolar. Segundo Perlin

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. [...] ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva (PERLIN, 2015, p.56).

Saber sobre a cultura Surda é perceber que os Surdos são constituídos sócios-históricamente num determinado espaço, no qual, no contato com os seus pares, eles produzem símbolos e representações sobre a sua realidade e buscam resoluções para seus anseios e partilha maneiras de aprender e de ser no mundo.

Com isso, a Cultura surda não é representada apenas pela língua de sinais, mas pela produção de sentido através das rodas de conversas em diversos espaços, na produção de literatura própria e valores e crenças e modo de pensar e agir sobre o social.

E tivemos contatos com todas essas representações por meio de encontros em eventos sobre a semana do Surdo, em associações, no pátio da escola, em palestras, em rodas de tereré e outros espaços que evidenciam a importância do partilhar experiências e conflitos juntamente com os seus pares. E vivenciar e partilhar toda essa aprendizagem e amizade com os Surdos foram essenciais não apenas para a nossa formação docente, mas também cidadã e humana.

Considerações finais

Estes relatos de experiências possibilitaram-nos sobre a educação de Surdos no contexto de ensino regular, além de pensar sobre as práticas desenvolvidas no PIBID e Estágio Supervisionado como parte da formação docente. Os relatos apresentados apontam a importância de repensar as condutas dos Surdos perante a prática do professor.

Constatamos por meios das vivências as complexidades do ser Surdo, cultura Surda e identidade Surda e como o desconhecimento desses fatores podem afetar negativamente tanto na prática do professor quanto no aprendizado do aluno Surdo. A necessidade de uma formação continuada é fundamental quando se trata de extrema importância como educação inclusiva, Surdez, Libras, legislações, histórico na educação de Surdos, educação bilíngue e entre outros tópicos que são desconhecidos pelos professores.

Com as atividades aplicadas em sala, constatamos a importância de se considerar a cultura e identidade do Surdo quando este enquanto um ser que se reconhece enquanto diferença, pois a maneira do qual ele se comunica e se expressa é visual, é pertinente trazer proposta que ascedem suas especificidades. Outro fator relevante que percebemos é que o ensino de línguas não pode ser ensinado como são ensinadas para os ouvintes, ou seja, a língua portuguesa deve ser ensinada na sua modalidade de leitura e escrita, tendo a libras como língua de instrução, conforme propõe a educação bilíngue.

Por fim, estas vivências não tem o intuito de sanar dúvidas e questionamentos, mas apresentar as problemáticas que especifica de educação de Surdos que também estão dentro da proposta de educação inclusiva, mas que são desconhecidos por muitos profissionais da educação, apresentando a necessidade de uma formação continuada sobre a educação inclusiva.

Referências

Artigo de periódico

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05.** Educ. Pesqui. São Paulo, v. 39, n.1, p. 49-63, jan/mar.2013.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SOUSA, Jesus Maria. **O Olhar Etnográfico da Escola perante a diversidade Cultural.** Revista de Psicologia Social e Institucional, 2, 1 (107-120). Universidade da Madeira, 2000.

Capítulo de livro

PERLIN, Gládis T.T. **Identidades surdas.** In: A surdez: um olhar sobre as diferenças. Org. Carlos Skliar-7. ed.- Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 51- 73.

Livro

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de Sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PERLIN, Gládis T.T; MIRANDA, Wilson. **Surdos: o narrar e a política.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 5, 2003. p. 217-226.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACKS, O. W. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Companhia das Letras. São Paulo: 1998.

Texto da internet

SÁ, Nídia. **Existe uma cultura surda?** In: Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006. Não paginado. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mY4urodFpvYJ:www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR. Acesso em: 15 out. 2017.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos (Unidade 4- Cronograma de história de Surdos, p.16-29).** Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância- Florianópolis: 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

_____ ; PERLIN, Gládis. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na

modalidade à distância- Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf.

Acesso em: 15 ago. 2017.

Legislação

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 07 de Abril de 2017.

_____. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 07 de Abril de 2017.

_____. **Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 24 de set. 2017.